

Tóquio 2020, a escolha polémica

Os Jogos do NUCLEAR

As radiações de Fukushima poderão afectar as Olimpíadas na capital do Japão? O COI acreditou no primeiro-ministro Shinzo Abe, mas não falta quem alerte para uma situação descontrolada.

Em outubro de 1996, acompanhei, como jornalista, a seleção portuguesa de futebol que jogou, em Kiev, frente à Ucrânia, na qualificação para o Campeonato do Mundo. O acidente nuclear de Chernobil, a pouco mais de cem quilómetros de Kiev, acontecera há dez anos e estava ainda bem vivo na memória de todos. Recordo-me que recebemos indicações rígidas para termos cuidado com a alimentação: não comer legumes frescos nem beber água que não fosse engarrafada. Eram, porém, cuidados mínimos; a área de evacuação ao redor de Chernobil foi de apenas 30 quilómetros. Ao que se sabe, a falta de advertências em relação ao leite ali produzido originou milhares de cânceros na tiróide, mas, no que respeita à atividade desportiva, nada se alterou: a União Soviética continuou a fazer jogos internacionais em Kiev e, dez anos depois, o que se recomendava aos visitantes era o cuidado com a água e os legumes.

Vem esta introdução a propósito da recente polémica com a escolha de Tóquio para cidade anfitriã dos Jogos Olímpicos de 2020. Tóquio fica a cerca de 220 quilómetros de Fukushima, onde em 2011 se iniciou um dos mais graves acidentes nucleares da história. Em 2020, terão passado apenas nove anos desde a fusão parcial dos reatores. Pior: o caso de Fukushima difere do de Chernobil porque se trata de uma libertação lenta de radiação, com escoamento para o oceano Pacífico de águas radioativas. A situação é complexo e, segundo alguns especialistas, pode tornar-se bem mais grave do que Chernobil, cuja nuvem de poeiras radioati-

vas atingiu a União Soviética, a Europa Ocidental, a Escandinávia e o Reino Unido.

A escolha assumida pelo Comité Olímpico Internacional (COI) em 7 de setembro último gerou de imediato forte polémica e contestação. Como é que se organizam uns Jogos Olímpicos numa zona afetada por um terrível desastre nuclear, com consequências ainda imprevisíveis? Sabe-se, agora, que em março deste ano um grupo de intelectuais, cientistas, artistas e ativistas japoneses enviou ao COI um documento a alertar para a situação, mas ninguém, pelos vistos, deu atenção ao documento.

As garantias dadas pelo primeiro-ministro japonês, Shinzo Abe, parecem ter convencido mais o COI: “Alguns podem estar preocupados com Fukushima. Deixem-me assegurar-vos que a situação está sob controlo. Não afetou nem vai afetar Tóquio... Até agora, não há problemas de saúde relacionados, nem haverá no futuro. Digo-vos isto de forma enfática e inequívoca. Hoje, sob o céu azul de Fukushima, há crianças a jogar futebol, olhando para o futuro e não para o passado.”

Estas declarações, e a conjuntura da escolha de uns Jogos Olímpicos para tal local, tiveram consequências imediatas e acabaram por tornar bem mais visível do que até aqui a real situação de Fukushima. Sucederam-se páginas na internet seguindo, dia a dia, o imbróglio, e o primeiro-ministro viu-se acusado, em vários lados, de ter mentido ao COI. A 20 de setembro, a perfeitura de Namie, cidade fortemente atingida pelo acidente, e totalmente evacuada, emitiu um protesto oficial

contra Abe, adiantando que as declarações do primeiro-ministro “contradizem a realidade”. Acrescenta o documento: “A situação nunca esteve sob controlo, nem a água contaminada completamente bloqueada.”

Certo é que os exames aos níveis de radiação não enganam. Na mesma semana em que Tóquio ganhou a organização dos Jogos, a Coreia do Sul banuiu dos seus mercados todos os produtos marinhos oriundos de oito prefeituras japonesas. A zona de Fukushima era muito apreciada pelo seu peixe, mas as análises feitas mostram agora que até as plantas, que crescem em terra, foram afetadas pela libertação das águas contaminadas. Um estudo divulgado na revista *Environmental Science and Technology* alertava para os níveis de radiação em arroz, vegetais e frutas.

A atravessar uma década muito difícil, em termos financeiros, o Japão acreditou que os Jogos Olímpicos poderiam ajudar à recuperação, e a mera nomeação chegou para se obterem os primeiros bons resultados económicos. A sombra mora em Fukushima.

MENTIRAS, CARTOONS, RECEIOS

Os mais críticos sublinham que a situação está descontrolada, enquanto as autoridades japonesas garantem o contrário. Entre as muitas críticas, destacaram-se os dois *cartoons* publicados pelo *Le Canard Enchaîné*, no dia 11 de setembro, ridicularizando a situação: num dos desenhos, dois esquálidos lutadores de sumo (um com três braços, outro com três pernas) combatem frente à central nuclear de



Medalhas. A atribuição dos Jogos Olímpicos de 2020 deu origem a uma polémica, alimentada através da internet. O desporto já não é um mundo à parte, mas um meio privilegiado para a discussão social

Fukushima; no outro, duas pessoas com fatos de proteção contra as radiações congratulam-se por Fukushima já ter uma piscina para os Jogos Olímpicos.

O governo japonês considerou uma ofensa a publicação do jornal satírico francês, exigindo um pedido de desculpas. Na semana seguinte, o primeiro-ministro Shinzō Abe visitava Fukushima: “Quis ver por mim próprio, depois de ter garantido [ao COI] que a água contaminada estava controlada.” Declarações pouco convincentes: pouco depois, o presidente da câmara de Tóquio, Naoki Inose, voltava a acusar Abe de ter mentido ao COI: “A fuga de água não está sob controlo”, disse à Fuji TV.

A polémica é considerada expectável pelo professor José Delgado Domingos, uma das pessoas, em Portugal, com mais experiência nesta área. Engenheiro mecânico, preside atualmente à Lisboa E-Nova – Agência Municipal de Energia e Ambiente, sendo ainda investigador no Centro de Estudos em Inovação, Tecnologia e Políticas de Desenvolvimento, do Instituto Superior Técnico, em Lisboa.

Na sua opinião, as consequências do incidente de Fukushima são ainda imprevisíveis: “Num acidente nuclear, o maior perigo para regiões relativamente afastadas é a libertação de gases, poeiras e líquidos reativos, arrastados e dispersos pelos ventos ou pelas águas. Em Tóquio, as crianças continuam a trazer

ao pescoço, qual medalha, um dosímetro de radiação. Como os elementos radioativos entram na cadeia alimentar, os alimentos produzidos na região ficam contaminados e continuam o seu percurso com quem os ingerir. Por isso, é compreensível que os habitantes de Tóquio desconfiem e fujam dos alimentos produzidos na região.”

Faltando apenas sete anos para os Jogos, é natural que haja grande apreensão, acrescenta Delgado Domingos: “Tendo em conta que os efeitos do acidente de Fukushima ainda irão perdurar dezenas de anos no futuro, é compreensível a reação aos Jogos Olímpicos em Tóquio, a que acresce ainda o facto de as autoridades não terem até hoje demonstrado um adequado controlo de fatores determinantes de contaminação.”

Certo é que, depois das caricaturas e de várias páginas na internet denunciando a situação, sucedem-se manifestações de oposição à realização das Olimpíadas em Tóquio. A 18 de setembro, um cientista da Agência Meteorológica do Japão, Michio Aoyama, explicou num fórum científico como é que grandes quantidades de material radioativo está a ser despejado diariamente no Pacífico, em Fukushima, e explicou também que a sua equipa fora proibida de continuar a fazer medições.

No entanto, é impossível às autoridades japonesas abafarem a situação. A 27 de setembro, Tóquio já foi palco de protestos antinucleares. Logo a seguir, a autoridade alimentar nos Estados Unidos (FDA) banuiu produtos agrícolas e de pesca oriundos de 14 prefeituras do

Proibições para Sochi 2014

Enquanto a polémica sobre Tóquio 2020 promete arrastar-se durante os próximos anos, aproxima-se um evento desportivo mais imediato, capaz de chamar para si os holofotes por questões sociais. Trata-se dos Jogos Olímpicos de Inverno, que se realizam em Sochi, na Rússia, entre 7 e 23 de fevereiro do próximo ano. Juntando centenas de atletas de todo o mundo, e com uma visibilidade mediática extraordinária, estes Jogos serão uma grande oportunidade para dar a conhecer problemas sociais, e não só, latentes na sociedade russa. No entanto, o presidente Vladimir Putin não vai permiti-lo: já assinou um decreto proibindo todas as manifestações em Sochi. Em causa estão, sobretudo, manifestações de protesto já agendadas pela comunidade gay, que pretendia aproveitar a ocasião para expressar o seu desacordo em relação a uma lei, promulgada em junho passado, que penaliza tudo o que possa ser considerado propaganda a favor de “relações sexuais não tradicionais”.

A situação mereceu uma reação da Amnistia Internacional, que iniciou uma campanha internacional para expor o que apelida de “contínuas violações dos direitos humanos”. No *Facebook* já existe mesmo uma página intitulada “Boycott Sochi 2014”, com mais de dez mil gostos. Nos dias 5, 6 e 7 de outubro, quando a chama olímpica foi entregue à Rússia, organizaram-se iniciativas a apelar aos países participantes para não consumirem produtos dos patrocinadores dos Jogos. Sochi pode, com estas proibições, abrir um precedente em eventos desportivos de grande dimensão. Até agora, a “mão punitiva” da FIFA ou do COI não chegava às ruas. Acontecimentos como os do Brasil ou a iniciativa do Greenpeace incomodam sempre as organizações dos eventos e levam-nas a levantar proibições diversas. Há já muitos anos que tanto o COI como a FIFA proíbem aos atletas manifestações sociais ou políticas no âmbito das provas. Na Taça das Confederações, no Brasil, a FIFA e o Comité Organizador Local proibiram protestos dentro dos estádios, avançando com um regulamento que também impedia qualquer material de natureza ideológica, como faixas, bandeiras, símbolos ou cartazes. O mesmo acontece nas grandes competições de futebol, como a Liga dos Campeões, por exemplo.

► O Governo japonês aumentou o limite legal de radiação autorizada

Japão. Um antigo primeiro-ministro nipônico, Junichiro Koizumi, veio a público defender o fim da energia nuclear no país. Quase simultaneamente, a Tepco, a empresa responsável pela central de Fukushima, esclareceu que não é da sua competência fazer a medição dos níveis de radiação na baía de Tóquio...

CARTA AOS ATLETAS

Que cenário esperará, pois, os praticantes, os jornalistas e o público que viajarem para Tóquio, em 2020, para disputar ou assistir aos Jogos Olímpicos? Faltam sete anos, e muitos desses atletas são hoje adolescentes, talvez mesmo crianças. Alguns poderão nem estar, agora, minimamente sensibilizados para estas questões.

Talvez por essa razão, o investigador japonês Takashi Hirose (autor de um livro sobre o acidente de Fukushima) escreveu uma “Carta aos jovens atletas que sonham vir a Tóquio 2020”, publicada no site Counterpunch.org. Hirose considera a afirmação de Abe ao COI “uma das grandes mentiras do nosso tempo”, e avança com dados concretos: o nível perigoso de radiação registado numa área residencial de Tóquio. Porquê? Porque, diz, entre Tóquio e Fukushima não há montanhas suficientemente altas para bloquear as nuvens radioativas.

“Na capital, as pessoas que entendem o pe-



Cético. “Em Tóquio, as crianças continuam a trazer ao pescoço, qual medalha, um dosímetro de radiação”, recorda José Delgado Domingos, investigador e presidente da Lisboa E-Nova.

rigo evitam comer produtos oriundos daquela zona”, acrescenta, e avança com mais estudos sobre a radiação em Tóquio, já presente no principal mercado de peixe da cidade e na zona circundante. Porém, esses alimentos não são deitados fora, uma vez que, entretanto, o Governo japonês decidiu aumentar o limite de radiação autorizada nos produtos alimentares! Hirose alerta ainda para o problema da distribuição: comida da zona de Fukushima vai para outra perfeitura, e desta para outra, vendida como produto da segunda... Além de que os

produtos das empresas mais poderosas, e a comida servida nos restaurantes mais caros, quase nunca são submetidas a testes de radiação.

José Manuel Constantino, presidente do Comité Olímpico Português, confia nas autoridades responsáveis: “O COP, com base na informação disponibilizada pelos mecanismos de comunicação interna do COI, encontra-se perfeitamente seguro em relação às garantias apresentadas pelo comité organizador dos Jogos Olímpicos em Tóquio.” Constantino lembra que “as questões relacionadas com a qualidade ambiental assumem extraordinária importância, dado ser o ambiente e o desenvolvimento sustentável o terceiro pilar do olimpismo”, e assegura: “A realização de um evento como os Jogos Olímpicos obedece a um exigente caderno de encargos, escrupulosamente avaliado pelo CCOI e monitorizado por diversos peritos, em regime de permanência, junto do comité organizador local.”

O líder do organismo português adianta, porém, que “o COP não deixará, através da sua Comissão de Ambiente e Desporto, de acompanhar o evoluir da situação, informando as federações desportivas das incidências que considere oportunas e convenientes em relação à organização e participação da missão portuguesa nos Jogos”.

NA TAÇA DAS CONFEDERAÇÕES

Provavelmente, nunca como neste caso teremos uma ligação tão grande do desporto aos problemas da sociedade. Aqui, os Jogos



Prudente. “O COP acompanhará o evoluir da situação, informando as federações das incidências que considere oportunas”, diz José Manuel Constantino, presidente do organismo.

Olímpicos são cenário de fundo numa luta contra o nuclear, mas ao mesmo tempo despertam o alerta mundial para uma situação presente. Em outros eventos desportivos, têm sido desencadeadas ou promovidas outras lutas sociais. É uma tendência que está a acentuar-se, numa fase crítica da história da humanidade, e que ficou bem vincada durante a disputa da Taça das Confederações, em futebol, realizada no Brasil, em junho.

Neste caso, não estava em causa um incidente nuclear, mas sim a situação socioeconómica vivida num país que, além desta Taça das Confederações, se prepara para organizar o Campeonato do Mundo de Futebol (2014) e os Jogos Olímpicos (2016). Confrontados com os custos dos dois eventos, os brasileiros vieram para as ruas chamar a atenção para as suas dificuldades, contestando as prioridades dos responsáveis do País. Aproveitaram, para isso, um momento em que o mundo do desporto estava de olhos no Brasil: a Taça das Confederações. Sucederam-se manifestações em várias cidades do país e, embora o rastilho tenha sido o aumento do preço dos transportes públicos, a situação permitiu divulgar outras realidades, como a falta de hospitais e de estruturas educativas. O desporto, nomeadamente o de massas, é um excelente meio de comunicação, e o mundo inteiro ficou a saber o que se passa no Brasil.

Não estamos, porém, perante uma novidade absoluta. Há muito tempo já que os eventos desportivos são aproveitados para as mais

diversas manifestações de carácter social e político. O caso do Brasil mostrou, contudo, que isto pode ter uma dimensão realmente grande, ultrapassando as fronteiras dos estádios ou dos pavilhões, e transferindo-se para as ruas.

DO BLACK POWER A MUNIQUE

Até estes acontecimentos, as mais significativas intervenções sociais através do desporto tinham acontecido também em Jogos Olímpicos: em 1968, a saudação do *Black Power* (“Poder Negro”) na Cidade do México, por parte de dois atletas negros, no pódio dos 200 metros, de medalhas ao peito, tornou-se um símbolo da luta contra o racismo: Tommie Smith (ouro) e John Carlos (bronze), ambos norte-americanos, entraram para a história ao levantarem o punho enquanto se ouvia o hino. Foram de imediato suspensos e expulsos da aldeia olímpica, mas o seu gesto foi repetido quatro anos depois, por Vince Matthews e Wayne Collet (que também foram excluídos).

Em 1972, em Munique, o que ficou marcado na memória de todos foi o atentado de um comando árabe que custou a vida a onze atletas israelitas. Mais do que nunca, a política aproveitava um evento desportivo para se fazer ouvir. A tragédia de Munique apenas interrompeu os Jogos durante um dia. Depois, a competição prosseguiu. Na generalidade, os Jogos sucederam-se sem novos incidentes do género, até Atlanta (1996), onde a explosão de uma bomba na aldeia olímpica matou duas pessoas e feriu mais

Órgãos, sangue e desarmamento

O desporto é um poço de paixões. No futebol, por exemplo, os clubes mais populares têm milhões de adeptos, muitos deles capazes de quase tudo por aquele emblema. Essa paixão tem sido, ocasionalmente, aproveitada para importantes iniciativas de cariz social, graças à criatividade de muitas empresas de *marketing*, que entenderam a melhor maneira de aproveitar essa paixão. Uma das mais recentes e populares iniciativas aconteceu no Brasil, com os adeptos do Sport Recife, cativados para uma campanha de doação de órgãos. O *slogan* era “Sport até depois da morte”. A ideia de transmitirem o seu coração (ou rim) de adepto do Sport para outra pessoa teve um sucesso imenso: cerca de 51 mil adeptos assinaram o cartão de doação e tornaram-se, na sua perspectiva, “adeptos imortais”. Uma iniciativa idêntica já fora realizada com o Vitória, da Bahia, mas neste caso para doação de sangue. Com a campanha “Meu sangue é rubro-negro”, o clube comprometia-se a aumentar as listas vermelhas no equipamento à medida que aumentassem as doações de sangue. O sucesso foi retumbante. Outra iniciativa que se poderá tornar marcante também terá o Brasil como palco. Desta vez, no Mundial de Futebol de 2014: trata-se da possibilidade de a FIFA aceitar trocar armas por bilhetes, bolas de futebol e camisolas das seleções. Em causa está o plano de desarmamento do Brasil, e a proposta, de 2011, partiu do Ministério da Justiça do país. A ir por diante, a iniciativa tornará o desarmamento num dos temas sociais do torneio.

de uma centena (o bombista, Robert Rudolph, era um ativista antiaborto e anti-homossexualidade; cumpre agora pena de prisão perpétua numa penitenciária do Colorado).

O terrorismo poderá sempre tentar aproveitar a visibilidade dos grandes eventos desportivos. A história comprova-o. No entanto, o que se passa atualmente é algo de diferente: os protestos são públicos, claros, e às vezes até imaginativos, como foi o caso de ação promovida, em agosto, pelo Greenpeace durante uma cerimónia protocolar da Fórmula 1, no Grande Prémio da Bélgica. Enquanto os pilotos abriam o champanhe, várias bandeiras do Greenpeace, apelando à campanha “Salvem o Ártico” (que pretende evitar a exploração da zona pela Shell, patrocinadora da F1) subiam até se tornarem visíveis... na televisão!

J.V.

